
PARA ROSA, SILENCIOSAMENTE COM CARINHO

Hérvickton Israel de O. Nascimento (PPGLinC-UFBA)

Escrevo nas próximas linhas um breve relato de quem teve a oportunidade de conhecer e conviver com Prof^a. Rosa Virgínia Mattos e Silva, Professora Rosa, nas manhãs de segunda a sexta, no Instituto de Letras da UFBA, a partir de 2007. Para além de homenageá-la aqui e demonstrar mais uma vez o carinho que tenho pela sua grande figura, quero também lembrar de alguns nomes que me fizeram experienciar e construir em minha memória a Professora Rosa. Cito então os nomes de Natália Deus, Aline Barreto, Aniele Oliveira, Hirão Fernandes Cunha e Souza, Lisana Trindade e Cristiane Pereira, todos contemporâneos meus de iniciação científica. Não poderia esquecer também do nome de Eliéte Oliveira, na época estudante de doutorado, sempre orientanda de Professora Rosa. Situo o leitor espacialmente na narrativa que segue: tudo aconteceu ou nas aulas da Professora Rosa, no âmbito da graduação, ou na sala do Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR).

Quando lembro de Professora Rosa, lembro, primeiro, de seu temperamento que ia da pronta sinceridade, passando pela preocupação com o outro e chegando até a mais fina generosidade. Apesar de tudo isso, nunca gostou de ser considerada a mãe do PROHPOR. Quando alguém, podia ser quem fosse, a aclamava de mãe, prontamente respondia: “Eu sou mãe de meus filhos”. A marca da sinceridade sempre esteve com ela. Em sua vasta produção acadêmica, deixava claro do lugar de onde estava falando e o objetivo que tinha com o estudo que estivesse divulgando. Inclusive, quando palestrava, procurava

sempre alguém conhecido de seus orientandos e citava o nome quando encontrava, dizendo estar mais tranquila com um conhecido na platéia. Me perguntava o motivo dessa preocupação, pois já passara a Professora por muitas situações de conferências, palestras, mini-cursos e comunicações.

Ainda no terreno de sua produção e sinceridade intelectual, quando perguntada de seu ofício, se era linguísta, ou filóloga, respondia: “Sou professora de língua portuguesa”. A preocupação com o ensino de língua materna fez Rosa Virgínia ir para além das discussões dentro dos muros da academia. Há, em seu espólio, a produção de três grandes livros sobre ensino, embora a sua marca na história dos linguistas brasileiros seja a dos estudos do português arcaico. Dizia sempre durante as aulas, de forma simples, que o que deveria um professor de língua portuguesa corrigir era o que “estigmatizava o aluno”. Nada mais coerente a ser dito em se tratando de uma das mais renomadas linguistas históricas que o Brasil já teve.

Das muitas discussões que a Professora Rosa trazia em sua caminhada acadêmica, uma das que mais me interessava era a discussão do que vinha a ser a linguística histórica. Escreve então uma reflexão teórica nos seus *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*¹, trazendo também para a cena da discussão o questionamento do que é a *história*. Assume, com base em Foucault, uma história não-linear, mas múltipla e emaranhada, solicitando uma revisão da ideia de temporalidade nos estudos de mudança linguística. Penso, particularmente, que seja uma pena a má interpretação que alguns acadêmicos têm dado ao texto de Professora Rosa. Parece que muitos, no afã de suas delimitações político-ideológico-departamentais, leram o que a autora quis dizer pelo avesso. O que deveriam entender de um de seus últimos escritos é um convite ao alargamento do que sempre se entendeu por linguística histórica. Ela própria explicita, com base nas ideias coserianas e em Weinreich, Herzog e Labov, ao afirmar que “[chegou] a uma formulação do que trata a linguística histórica, ou seja, não se trata apenas das mudanças das línguas ao longo do seu tempo de uso. **É algo mais**”² (grifo nosso). Assume a postura de que linguística

¹ MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola, 2008.

² Idem.

histórica é “[t]odo tipo de linguística que trabalha com *corpora* datados e localizados”³.

A ideia de *corpus/corpora* pautada em documentação remanescente sempre foi perseguida por Rosa Virgínia. Daí sempre dizia que não existia o fazer linguístico-histórico sem a filologia. Tanto em seus artigos, quanto em suas aulas, rememorava os “encontros e desencontros” da linguística com a filologia. As querelas entre as duas grandes áreas eram bem contadas pela Professora. Gostava de rememorar o quão importante foi a sociolinguística para a linguística histórica e a da necessidade de um bom preparo filológico para lidar com os textos antigos.

Ainda falando sobre o aprendizado de conviver com a Professora Rosa, gostaria de dar relevo ainda mais à sua generosidade. Por ocasião de minha conclusão do curso de bacharelado em letras vernáculas, resolvi retomar, para o TCC, um texto que tinha por demais gostado de trabalhar na primeira bolsa de iniciação científica. Era um texto de Garcia de Resende intitulado *Breve memorial dos pecados e coisas que pertencem à confissão*. Como sempre estava com dois orientadores em todo o meu percurso de pesquisa na graduação (a orientação de Professora Rosa e mais uma coorientação), resolvi dar um viés mais ideológico-discursivo ao trabalho, além de apresentar uma edição do já citado texto. Apresento o trabalho à minha primeira escolha de orientação e ela se nega veementemente a orientar algo do tipo, alegando que “só orientava trabalho sério”. Passei, por ocasião da negativa, a apresentar o projeto a Professora Rosa que, de imediato, aceita e diz que todo o orientador deveria aprender com o orientando o que não sabe. Professora Rosa, em sua linda generosidade, me falara que, antes, não dominava temas como gramaticalização. No entanto, orientou e aprendeu com trabalhos na área como os da Prof^a. Sônia Costa e Therezinha Barreto. Em um momento muito difícil para um estudante de graduação, a Professora Rosa não se negou a me ajudar, me levando então até o Departamento de Letras Vernáculas e solicitando “por favor, abra uma turma aí de TCC minha para este garoto simpático”. Professora Rosa estava sendo justa e seguindo o que ensinara em seus *Caminhos*. Militava naquele momento pelo alargamento da ideia de linguística histórica, abraçando um aluno fragilizado não somente por uma negativa, mas por uma negativa com

³ Idem.

argumentos falsos e desmerecedores. Confesso que, na época, tive vontade de dizer que ela foi uma grande mãe acadêmica para mim. O início deste pequeno relato explica.

As aulas com Professora Rosa sempre eram regadas a muitos diálogos. Engana-se quem pensa que nestes diálogos não havia também correções de ideias erradas ou até algumas correções em relação à língua portuguesa. Tudo, porém, era muito bem explicado. Embora fossem aulas sobre história da língua, eram muitos os temas que vinham à tona. Questões de gênero eram também discutidas. Professora Rosa, coruja que era, adorava divulgar os trabalhos de seus filhos entre nós. Digo que o que mais gostava era quando perguntávamos sobre o processo de escrita de seus livros. Respondia sempre sobre a motivação e também a recepção dos seus textos. Orgulhava-se de dizer que sua tese para o concurso de professora titular de língua portuguesa⁴ não havia sido contestada. Prof^o. Ataliba de Castilho, membro da banca, esboçava isso em suas conferências sobre a formação do português do brasileiro.

Lembro que, por ocasião do Rosae – I Congresso Internacional de Linguística Histórica, no meio de tantas homenagens, disse a Professora que a que mais gostou foi uma coletânea de textos em sua homenagem, intitulada *Novos tons de rosa*⁵. A proposta do livro era publicar textos de uma nova temporada de estudantes do PROHPOR. Tive o imenso prazer de fazer parte desse projeto.

Procurei nas bem resumidas linhas acima falar mais da informalidade de ter convivido com a Professora Rosa do que de sua importante trajetória acadêmica. Isto já o fazem os livros e a memória institucional. Procurei também hoje, como estudante de doutorado, reviver o tempo em que ela batia na porta da sala dos bolsistas e questionava “já imprimiram meus e-mails?” ou “tenho um material para vocês digitarem. Quem deseja receber um dinheiro?” ou “tem lembranças da última viagem que fiz. Alguém quer?”. Estas memórias, mais afetivas, e menos institucionalizadas, foi o que tentei passar aqui. Não foi fácil recontá-las. O desejo que o tempo volte ou a própria saudade desse tempo talvez nos tente a dar mais relevo a uma coisa do que a outra ou até mesmo, por que

⁴ MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados. Revista estudos linguísticos e literários. n. 25/26. Salvador. 2000.

⁵ OLIVEIRA, Klebson; GOMES, Luís; CUNHA E SOUZA, Hirão F. (orgs.). *Novos tons de rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009.

não?, (re)inventar histórias, (re)inventar narrativas. Se ela estivesse a ler este relato, tenho certeza que leria silenciosamente e diria poucas palavras de observação. Ela era assim, mais de ouvir do que falar. Preferia mais o barulho do risco de sua caneta sobre o papel. Sempre silenciosamente atenta.